

NINHO *de*
VIBORAS

K.A. KNIGHT

TRADUÇÃO

Carolina Ferreira Mendes
e Cláudia Aurélio

FICÇÃO · ROMANCE

AVISO DE CONTEÚDO

18+ Romance com harém reverso.

Atenção: este livro contém cenas e referências de abuso/agressão que podem ser perturbadoras para alguns leitores. Além de cenas explícitas de sexo e violência. Este é um livro sombrio (*dark romance*).

*Tal como uma cobra se descarta da sua pele, devemos
livrar-nos do nosso passado constantemente.*

GAUTAMA BUDDHA

Capítulo um

DIESEL

– Sabes o que isto significa, não sabes, Rob? – murmura Ryder, alisando o fato que nem sequer estava amarrotado.

O cabrão veste-se sempre como se fosse desfilar numa passarela. Contudo, o seu olhar frio e calculista deixa bem claro que não é só uma cara bonita.

Uma vez, ofereci-me para lhe fazer uma cicatriz na cara; talvez assim o levassem mais a sério. Não sei porque é que recusou.

Eu, em contrapartida, estou coberto do sangue de Rob. Tal como Garrett, cujos cicatrizados e tatuados nós dos dedos sangram graças aos murros que desferiu ao nosso infeliz anfitrião. Petiscando as batatas fritas do gajo, observo com satisfação enquanto Garrett lhe acerta brutalmente uma vez mais, afastando-se de seguida. Não é por acaso que lhe chamam *Cão raivoso* no ringue: nem o vemos a aproximar-se. Eu que o diga, pois já o defrontei algumas vezes e fiquei com uns quantos ossos partidos. Bons tempos!

Pestanejando, volto a fitar o homem sentado na cadeira em frente a Ryder. Rob tem o lábio aberto, um olho tão inchado que nem abre e as bochechas já a ficar negras. E isto são só as lesões que tem à vista. Sei que se lhe formam algumas bolhas debaixo da camisa; Ryder deixou que me divertisse um bocado.

Encostado na parede à minha frente, a brincar com os dados por entre os dedos como de costume, está Kenzo. Tal como Ryder, fita o homem de forma mortífera enquanto espera que alguma coisa interessante aconteça. Afinal de contas, foi Kenzo quem chamou a nossa atenção para Rob, que não olha para mais ninguém a não ser para Ryder; e ainda bem. Deixemo-lo pensar que é ele quem manda. Preferimos assim, pois gostamos de o ter como embaixador da nossa... empresa.

Resfolego. Que bela merda de empresa. Se bem que temos, de facto, alguns negócios legais, nos quais não estou sequer envolvido. Consideraram-me demasiado instável para lidar com os empregados, depois de ter queimado os olhos a um que disse que eu era escumalha.

– Presta atenção, Rob. Não gosto de me repetir – vocifera Ryder.

Garrett agarra Rob pelo curto cabelo grisalho e puxa-lhe a cabeça para trás. De lâmina em punho, pressiona-a contra a garganta do homem aterrorizado, que geme de dor, com suor a escorrer-lhe pela cara. Pergunto-me se Ryder me deixará matá-lo.

Há dois dias que não mato ninguém e estou a ficar inquieto.

– Sim, sim, eu sei. Fiquem com ela! – grita Rob.

Que filho da puta. O cabrão está a tentar vender a própria filha para pagar o que nos deve. Imagino que quando não se tem dinheiro e a única opção que resta é pagar com o próprio sangue... as nossas opções se tornem mais flexíveis.

Rob não tem escapatória, esta cidade é nossa; e ele sabe, pois consigo ver-lhe a derrota gravada nos olhos castanhos. Pergunto-me se a filha será mais bonita do que ele. De qualquer forma, agora, ela pertence-nos. Por norma, não aceitamos pagamentos em carne e osso, ou melhor, não aceitamos pagamentos em carne viva, mas a cavalo dado não se olha o dente.

Uma dívida é uma dívida e tem de ser paga, ou começarão a achar que estamos a amolecer.

Ryder inclina-se para trás com um sorriso a formar-se nos lábios de menino bonito. Reviro os olhos e dou um passo em frente, saindo da escuridão. É então que Rob começa a chorar. Já sabe quem sou: a morte em pessoa. Quem dá a cara até pode ser Ryder; Garrett pode ser o carrasco, o músculo; e Kenzo, o homem do jogo... mas eu?

Sou o filho da puta do Anjo da Morte.

– Fiquem com ela! – grita Rob, debatendo-se agarrado por Garrett, que tem o rosto contorcido numa expressão de nojo.

Limito-me a rir.

Inclino-me para baixo e aproximo o rosto do dele, para que me possa ver a loucura no olhar. Os meus dedos imploram pelo isqueiro; quero pegar fogo à casa com ele dentro e ficar a ouvi-lo gritar. Foda-se, quase consigo saborear o medo e sentir as chamas a lamberem-me; fico ereto só de imaginar.

– Diz-me: quando a queimar viva, vais importar-te? – pergunto, soltando uma gargalhada.

Garrett sorri abertamente, mostrando os perfeitos dentes brancos. O sacana é quase tão louco quanto eu, talvez graças à quantidade de golpes que levou naquela cabeçorra. Lanço-lhe um sorriso matreiro.

– Será que ela também sangrará assim tão bem? – provoco.

– Já chega! – intervém Ryder e eu afasto-me, obediente. – Onde é que ela está?

– Ela... ela tem um bar na zona sul da cidade, o Roxers.

Rob estremece, chorando como um bebé, com lágrimas grandes e gordas a escorrerem-lhe pelo rosto.

Pergunto-me se ela chorará. É sempre mais prazeroso quando choram. Apercebo-me de que estou a esfregar a pila por cima das calças e, quando reparo que Kenzo está a olhar, paro e pisco-lhe o olho.

– Rob, se não ficarmos satisfeitos com ela, voltamos. Podes apostar – acrescenta Kenzo com firmeza, fechando o assunto.

Já me conhece.

Quero sangue.

– Vais matá-la? – pergunta Rob, a soluçar pateticamente.

– Estás preocupado? – riposta Ryder, arqueando uma sobrancelha. – Acabaste de vender a tua filha para saldar uma dívida sem sequer pensares duas vezes.

– Eu... eu sou um pai de merda, mas ela merece melhor do que vocês, seus monstros – rosna, mostrando pela primeira vez ter tomates.

– Ouviste isto, Ry? Somos uns monstros – repito e rio-me tanto que bato com as mãos nas pernas. – Bem te disse que esse fato não enganava ninguém, meu.

Como de costume, Ryder ignora os meus acessos de loucura.

– Vamos fazer o que quisermos com ela. Fodê-la. Torturá-la. Espancá-la. Matá-la. Só queria que soubesses – declara ao levantar-se da cadeira, abotoando o casaco azul. Por força do hábito, passa a mão pelo cabelo perfeito e lança a Rob um sorriso profissional. – Voltaremos a falar em breve.

Depois de Ryder começar a afastar-se para a saída, Kenzo desencosta-se da parede, guardando os dados no bolso.

– Aparece no casino um dia destes – convida.

Rio-me ainda mais. Garrett liberta o pescoço de Rob, batendo-lhe com a lâmina da faca no rosto em jeito de brincadeira. Volto a aproximar a cara da dele, forçando-o a olhar nos olhos do homem que lhe vai dar cabo da filha. Quando ficar satisfeito com ela, não haverá corpo suficiente para enterrar.

– Vou fazê-la gritar; talvez até grave para te mostrar – ameaço.

– Diesel – chama Ryder, à entrada da miserável casa de dois andares onde nos encontramos.

Inclino-me para a frente e aproximo os lábios da orelha de Rob.

– Depois conto-te se ela se veio antes ou depois de lhe cortar o pescoço – sussurro e lanço-me sobre ele para lhe arrancar a orelha com os dentes.

O tipo berra e solto uma gargalhada estridente, cuspindo-lhe a orelha ensanguentada para o peito. Com o sabor metálico na boca e sangue a escorrer-me pelo queixo, viro-me para a saída a assobiar baixinho.

– És um maluco do caraças – resmoneia Garrett.

– Tal como tu, irmão. Agora, vamos buscar o nosso novo brinquedo! – declaro, subitamente bem-disposto ante a perspetiva da tortura que se avizinha.

Rob já devia saber, assim como o resto da cidade...

Quem se mete com os Viper¹, é mordido.

Aquela pobre rapariga nem sabe o que a espera...

¹ Em inglês, «Víbora». (*N. das T.*)

Capítulo dois

ROXY

– Está bem, está bem, já percebi: és a borboleta mais bonita da quinta das borboletas. – Anuo com a cabeça com toda a seriedade enquanto coloco a mão no ombro de Henry e o empurro para baixo, ajudando-o a entrar no táxi. – Até amanhã, Henry. Tenta não te engasgar com o teu próprio vômito.

Solto uma gargalhada ao fechar a porta. Dirijo-me para a frente do carro e dou algum dinheiro ao motorista, indicando-lhe a morada do seu ébrio passageiro.

Henry já é cliente habitual e costuma cá estar todas as noites. Uma vez, perguntei-lhe porque bebia tanto. Para ser honesta, não esperava que me respondesse, mas o pobre coitado confessou que a filha morreu assassinada há uns anos e, desde então, afoga as mágoas no álcool. Mesmo sendo um bêbado, ganhei-lhe algum carinho e certifico-me sempre de que chega a casa em segurança. Consigo ver a dor no seu olhar. Além disso, qualquer pai que goste assim tanto da filha é um bom homem; mas talvez só pense assim graças aos problemas que tenho com o meu.

Volto-me para o bar, sorrindo abertamente ao contemplar a fachada. Não é nada de extraordinário, mas é meu. Pendurado sobre a porta de entrada que já viu melhores dias brilha um LED de letras vermelhas que diz: «Roxers». É um bar degradado. Uma espelunca, sem dúvida. Ainda assim, é um sítio do caraças para se ir beber um copo. Por fora, parece uma espécie de cabana antiga, feita de madeira e tijolos desirmanados, com um alpendre a toda a volta, onde os clientes fumam, e lugares de estacionamento para motos em frente. As duas portas de vaivém estão destrancadas e a sujidade nas janelas é tanta que se torna impossível ver para o interior.

Recebemos todo o tipo de pessoas: camionistas, motoqueiros, bandidos. Toda a gente é bem-vinda. Só há uma regra: não partir a merda da mobília. É uma regra antiga, que já existia antes de o bar ser meu. Limitei-me a seguir a tradição. À exceção do carro desportivo que ganhei numa aposta, o parque de estacionamento de terra batida está vazio, por isso, volto para dentro e apago o sinal, para que saibam que estamos fechados.

É de madrugada e o Sol está quase a nascer. Presumo que ser dona de um bar faça de mim uma criatura noturna, mas a verdade é que sempre preferi a noite e toda a diversão que a acompanha. Suspiro e puxo o meu cabelo prateado para trás, prendendo-o num rabo-de-cavalo desajeitado, para começar a arrumar tudo. Mande Travis para casa mais cedo, uma vez que tem a avó doente e a precisar dele.

Hoje a limpeza ficou por minha conta. Pego numa das cadeiras sem par e pouso-a sobre a mesa, recolhendo de seguida todos os copos que consigo de uma só vez.

Dirijo-me para as traseiras. Passando pelas mesas de bilhar e pelos alvos de dardos, subo as escadas e viro à esquerda. Abro a porta da cozinha com a anca e passo os copos por água antes de os colocar na máquina de lavar. Apago a luz da cozinha e regresso ao bar para limpar o chão, que ninguém se atreveria a pisar descalço. Não é que vá ficar menos nojento, mas é o hábito.

À minha esquerda fica o velho bar, cujo tampo, que é feito de caricas de cerveja incrustadas em resina, me foi oferecido. Neste momento, não há lá nenhuma garrafa pousada e os bancos desiguais à sua frente estão todos vazios. Nas velhas prateleiras de madeira veem-se todo o tipo de bebidas e barris que aguardam que alguém os volte a encher.

Como arrumei o bar e fechei a caixa registadora enquanto Henry fingia ser uma borboleta, não há muito mais a fazer antes de, finalmente, poder colapsar na cama. Foda-se, preciso mesmo de arranjar um novo *barman*. Encontrar alguém com experiência e que se consiga aguentar aqui é difícil. Por norma, ou falam demasiado ou deixam-se ir com as más companhias. E este não é propriamente o tipo de trabalho que se ponha num portal de emprego, pessoal.

O último *barman* que tivemos foi preso por homicídio. Pois... é esse tipo de bar. Todavia, tenho de admitir que sinto falta do desgraçado; era um ás no póquer. Atravesso a porta, que fica a balançar atrás de mim, e detenho-me.

Parados dentro do meu bar estão quatro brutamontes. Estão todos vestidos de preto, têm os nós dos dedos e os pescoços cobertos de tatuagens; um deles a cabeça rapada. Más reses, sem dúvida, mas nada que fuja ao habitual que anda por estas bandas. Semicerro os olhos, analisando-os rapidamente.

– Estamos fechados – informo, com esperança de que apanhem a dica.

Não tranquei a porta; foda-se, que desleixada. É o que acontece quando se passa catorze dias seguidos a tirar cervejas e a acabar com rixas. Preciso urgentemente de um dia de folga. Só me faltava que estes idiotas entrassem por aqui adentro como se fossem donos disto tudo.

Olham-me com sorrisos maliciosos e um deles estala os nós dos dedos. Se pensam que isso me assusta, estão muito enganados. Bebo copos com homens que fariam estes tipos borrarem-se todos e, por norma, sou a última a ficar de pé.

Toda a gente conhece o Roxers e toda a gente me conhece a mim... e sabe que não estou para brincadeiras. Há uma razão para me chamarem *Batedora*; e não tem nada que ver com desporto. Esgueiro-me para perto do bar e deslizo a mão por detrás do balcão, sentindo nos dedos a madeira lisa do meu velho taco de basebol, o esmaga-bestas.

– Já disse que estamos fechados. É melhor irem embora, rapazes.

– Ou o quê? – desafia um, dando um passo em frente. O cabrão tem uma cicatriz que lhe atravessa a pálpebra. – Vais gritar por socorro?

Ri-se e os outros juntam-se-lhe.

Revirando os olhos, saco do taco escondido atrás do balcão e pouso-o sobre o ombro.

– Não, vou partir-te a merda das rótulas e atirar-te lá para fora como o lixo que és. Este é o meu último aviso: estamos fechados!

Eles voltam a entreolhar-se.

– Esta gaja está a falar a sério?

– Gaja? – repito num tom baixo e ameaçador, aproximando-me. – A sério que acabaste de me chamar «gaja»?

Como esperado, os quatro homens ignoram a minha pergunta, por isso, aperto o taco nas mãos de forma furtiva. Aquele idiota vai ser o primeiro a apanhar. Não se insulta alguém no seu próprio bar, é falta de educação!

Enquanto deliberam sobre qual será a melhor maneira de me apanhar, avanço na direção do idiota que me insultou. Puxo o taco atrás e lanço-lho com toda a força contra os joelhos. Ele cai no chão, soltando um grito. Sorrio-lhe do alto do meu metro e sessenta e sete de altura (setenta e cinco neste caso, já que tenho calçadas as minhas botas de motoqueira).

– Ora chama-me lá gaja outra vez!

– Apanhem-na, porra! – ordena ele, sem fôlego.

Dou-lhe um pontapé nos tomates e ele cai para trás com um guincho. Depois, volto-me para enfrentar os outros, esquivando-me das mãos que me tentam agarrar.

Puxo o taco atrás outra vez e acerto mesmo entre as pernas de um deles, que cai de joelhos com estrondo. Dou-lhe em seguida uma joelhada no nariz e, quando o ouço a estalar, percebo que lho esmaguei como se fosse uma noz. Raios, agora o chão está cheio de sangue. Acabei de lhe passar a esfregona!

Completamente fora de mim, arremesso o taco como se estivesse possuída. Os outros dois conseguem esgueirar-se dos golpes e tentam desviar-se do meu caminho, até que um deles tropeça e cai em cima de um banco, esmagando-o sob o seu corpo gigantesco. Paro e semicerro os olhos em fúria, enquanto ele começa a gatinhar para trás.

– Partiste-me o banco? – pergunto, enraivecida.

O tipo engole em seco quando me atiro a ele com um grito de guerra digno do *Braveheart*, acertando-lhe com o taco. O tipo grunhe e, quando me ajoelho para lhe esmurrar a cara, dá-me um soco no maxilar, sacudindo-me a cabeça para o lado.

Com a boca cheia de sangue, sinto crescer dentro de mim uma fúria homicida.

Volto a cabeça devagar para o olhar enfurecida. Agora percebeu que fez asneira da grossa. Nesse preciso momento, dois braços agarram-me pela retaguarda, levantando-me do chão. Atiro a cabeça para trás e acerto no queixo do tipo que me agarrou, enquanto lhe piso o pé com força e lhe dou uma cotovelada nos tomates. Deixando-o a gemer de dor, consigo libertar-me.

Muito obrigada, *Miss Detetive*.

De seguida, alinho o taco com o seu rosto e acerto-lhe em cheio. A força da pancada atira-o para trás e ele estatela-se no chão, aterrando com tal estrondo que o bar quase estremece. Este já não se mexe mais. Só falta um. Regresso ao

tipo que me partiu o banco. Ao ver que se está a pôr de pé, faço-lhe uma rasteira, tirando-lhe o chão ao mesmo tempo que lhe bato com o taco nas costas.

Quando tomba para a frente, atinjo-lhe a parte de trás do crânio e, a asso-biar, olho em redor. Ao que o primeiro tipo se está a tentar levantar, arremesso o taco na sua direção para que faça exatamente o que o seu nome sugere: esmagar a besta. Deixo-o inconsciente.

Avanço por entre a confusão de corpos estendidos e pego no taco, limpando-o à camisa do tipo antes de o pousar na mesa mais próxima. Com as mãos na anca, suspiro ao ver o cenário diante de mim. Porra, agora como é que os vou tirar daqui?

Resignada, decido agarrar num deles pelo colarinho e começar a arrastá-lo, mas o sacana é enorme. Vou ter de começar por um dos mais pequenos. Inclino-me e começo a arrastar outro tipo por baixo dos braços em direção à saída, a grunhir com o esforço.

É então que a porta se abre.

Levanto a cabeça e assopro o cabelo do rosto, deixando cair o homem. Boquiaberto, Travis limita-se a ficar na ombreira da porta. Ainda traz as botas calçadas e a camisola preta do Roxers que, enfiada por dentro das calças de ganga azuis, o faz parecer mais magro do que é. A tremer de frio, afasta o cabelo azul da cara fitando-me com os seus olhos verdes e pergunta:

– Céus, Roxy, que raio aconteceu aqui?

– Este chamou-me gaja, aquele partiu-me a mobília e não gostei da cara dos outros dois. – Encolho os ombros, limpando o suor da testa com o braço. – O que estás aqui a fazer?

– Esqueci-me da chave – murmura, contemplando o meu trabalho.

– Ótimo, então aproveita e ajuda-me a pôr estes idiotas lá fora – proponho, lançando-lhe um largo sorriso.

Ele abana a cabeça.

– Contigo nunca há dias aborrecidos, querida.

Apesar da boca, Travis larga a sua sacola e dirige-se para mim. Com a sua ajuda, consigo atirá-los para o beco das traseiras em apenas cinco minutos e, sacudindo as mãos, volto para dentro. Desta vez, certifico-me de que tranco a porta e, depois, ligo para a esquadra mais próxima. Vou dizer-lhes o que aconteceu e onde deixei os tipos. Não tenho dúvidas de que se vão assustar e fugir quando ouvirem as sirenes... se acordarem.

Travis mostra-me as chaves, que tem penduradas na ponta do dedo, e eu encosto-me ao balcão.

– Ficas bem? – articula com os lábios.

Anuo com a cabeça e mando-o embora com um gesto quando, por fim, alguém atende o telefone. Conto tudo e desligo a chamada, ignorando as perguntas atabalhoadas que me fazem do outro lado da linha.

– Fico ótima. Diz à tua avó que lhe mando um beijinho. Vou tomar um duche e dormir.

– Até amanhã, querida.

Travis solta um riso abafado e sai.

Quando o faz, tranco a porta, fechando os ferrolhos e as correntes, e apago as luzes atrás do bar. Ligo o alarme e desço o corredor, passando pelo escritório e pelas casas de banho. Já nas traseiras, subo as escadas que conduzem ao apartamento por cima do bar, onde vivo desde os dezassete anos.

Preciso mesmo de um dia de folga.

Capítulo três

RYDER

Recebo a chamada enquanto revejo o horário de amanhã. Volto a pousar o telemóvel em cima da secretária, levanto a cabeça e semicerro os olhos na direção de Garrett, que, sentado na cadeira à minha frente, estala os nós dos dedos cheios de feridas.

– Os teus homens estão na choldra.

A notícia desperta-lhe a atenção. Tira as botas imundas de cima da minha secretária, deixando-a suja de lama, o que me faz franzir o sobrolho.

– O quê? – rosna.

Recostando-me na cadeira, cruzo as mãos em frente ao corpo.

– Pelos vistos, a filha do Rob conseguiu apanhá-los de surpresa, dar-lhes uma bela tarefa e mandá-los para a prisão.

Com o olhar fixo, ele limita-se a pestanejar.

– Estás a brincar, certo? Os meus homens levaram porrada de uma rapariguita? Quatro dos meus homens, caralho?

– Sim – respondo, levantando uma sobrancelha.

– Foda-se.

– Exato – anuo com a cabeça. – Se queres as coisas bem feitas, tens de ser tu a fazê-las. Vai tirar os teus homens da prisão e amanhã à tarde vamos... – Levanto a folha de papel com as informações dela. – Fazer uma visitinha à Roxxane.

Garrett assente com a cabeça e, a praguejar, sai furioso para fazer como sugeri. Inclino-me e sacudo a lama que deixou em cima da secretária. Depois, tento regressar ao meu horário, mas não me consigo concentrar. Aquela chamada não me sai da cabeça. Ela teve ajuda, de certeza. Não interessa, vamos nós buscá-la. Ninguém escapa às nossas garras.

Quando a porta do escritório se volta a abrir abruptamente, inclino-me para trás e suspiro. Porque é que ninguém bate à porta? Kenzo entra, deslizando os polegares pelo telemóvel habilmente, apesar dos seus dedos enormes.

– Acabei de te enviar o que temos sobre a rapariga. Recolhi o máximo de informações que consegui e também andei a fazer umas perguntas pela vizi-nhança – murmura, levantando o olhar do ecrã.

O meu telemóvel toca, mas ignoro-o por enquanto.

– E?

– Ao que parece, a filha do Rob é uma verdadeira lenda. Tal como ele disse, chama-se Roxy e é dona daquele barzito do outro lado da cidade. Muitos têm-lhe medo, outros respeitam-na. Não vai ser fácil de apanhar.

– Nada que valha a pena é fácil – suspiro, pegando no telemóvel para passar os olhos pela informação.

Vinte e quatro anos, um metro e sessenta e sete. Cabelo cinzento, olhos castanhos, histórico de crédito assustador e alguns documentos selados de quando tinha dezassete anos. Terei de falar com Garrett acerca disto. Continuo a analisar as suas informações bancárias e tudo o resto que Kenzo reuniu, deslizando o polegar pelo ecrã até chegar ao final, onde encontro uma fotografia.

O coração quase me sai pela boca e o sangue precipita-se a toda a velocidade para a minha pila, que se contorce nas calças.

– Pois – resfolega Kenzo com um riso. – Porque é que achas que não te mandei só a mensagem? Queria ver a tua reação. Aposto que não estavas à espera de que a filha do Rob fosse tão boa.

– De todo – murmuro, distraído.

«Boa» é um eufemismo. É de cortar a respiração. Olhos escuros, delineados e esfumados. Lábios grandes, carnudos e vermelhos. Maças do rosto e sobrancelhas definidas e arqueadas. Cabelo curto, pelos ombros, pintado num tom prateado nada natural, mas que condiz com a sua tez pálida. O decote no *top* dos AC/DC que está a usar também capta a minha atenção.

Maravilhoso.

Chego a ficar sem palavras ao olhar para a fotografia, por isso, afasto-a. Assim é mais fácil concentrar-me. Pestanejando, cruzo olhares com Kenzo, que, divertido e com subtilidade, ajusta as calças.

– Eu sei, mano. Aviso já que quero ser o primeiro.

Fito-o com os olhos semicerrados e repreendo-o:

– Concentra-te no objetivo, irmãozinho.

– Oh, não te preocupes. Estou concentrado... na Roxy.

Solto um suspiro. Kenzo consegue sempre o que quer. Não é preciso ser um génio para perceber o que deseja fazer a Roxxane.

Contudo, ela é só um meio para atingir um fim, uma mensagem para que não achem que nos podem lixar. Alguém tem de manter a cabeça fria e, como sempre, esse alguém sou eu.

– Kenzo, amanhã pensa com a cabeça de cima e não com a de baixo. Pelo menos, até a trazermos para cá.

– E depois? – resfolega.

– Depois podes fazer o que quiseres com a rapariga. Afinal, ela pertence-nos. Sugiro é que a tentes manter afastada do Diesel – brinco.

Kenzo ri-se, mas não de forma amigável.

– Podes querer, ela é mesmo o tipo dele. A pobre rapariga ficaria desfeita em cinzas antes de passar sequer pela porta da entrada.

Anuo com a cabeça.

– Nem mais. Embora tenha cá as minhas suspeitas de que ele vai ser o primeiro a querer divertir-se com ela.